

ID: 117168174

15-05-2025

A Bienal de Fotografia do Porto ensaia o futuro hoje

Ana Marques Maia

Amanhã Hoje é o tema que liga os 51 trabalhos que, até 28 de Junho, podem ser vistos em 16 espaços da bienal na quarta edição da bienal

A quarta edição da Bienal de Fotografia do Porto, que este ano exhibe trabalhos de 51 artistas nacionais e internacionais em 16 espaços da cidade, abre hoje as portas. O PÚBLICO desafiou Virgílio Ferreira e Jayne Dyer, co-directores artísticos e co-curadores do evento, a levantar o véu sobre algumas das exposições que marcam esta edição, subordinada ao tema *Amanhã Hoje*. A dupla optou por dar a conhecer as obras dispostas no Museu Nacional Soares dos Reis, no Centro Português de Fotografia (CPF) e na Casa Comum da Reitoria da Universidade do Porto.

No primeiro espaço estão patentes os trabalhos que os portugueses Augusto Brázio e Lara Jacinto e o australiano James Newitt desenvolveram nas regiões do Douro e da Guarda, ao abrigo do programa de residências artísticas Vivificar, organizado a cada biénio pela Ci.CLO, a associação que promove, desde 2019, a bienal.

“Os artistas que participam nestas residências ficam hospedados em casas de pessoas das comunidades”, explica Virgílio Ferreira. “Os projectos tocam temas de cariz social e ambiental”, introduz.

No Tempo das Cerejas, de Lara Jacinto, resulta da residência que a fotógrafa realizou em Sabrosa, no distrito de Vila Real, focando as comunidades imigrantes recém-chegadas de países da Europa e da Ásia. Virgílio Ferreira conta que Lara foi “conhecendo famílias de imigrantes de forma orgânica”, ao longo de vários meses de 2024. “Estabeleceu uma relação muito próxima com uma família ucraniana que estava a viver no interior de uma escola”, refere, apontando para a imagem de duas camas diante de um quadro de lousa típico das escolas portuguesas do século XX.

Os retratos serenos que Lara Jacinto fez de migrantes e refugiados numa “geografia fortemente marcada pela emigração” são humanizantes, conferem dignidade – uma abordagem relevante num período em que se vive o surgimento de um sentimento anti-imigração em Portugal. “Trata-se de comunidades que sofrem com falta de oportunidades, que se mantêm, em muitos casos, sob um manto de invisibilidade e que nem sempre são bem-vindas nos locais onde se

fixam”, observa Virgílio Ferreira.

Augusto Brázio, cujas imagens podem ser vistas na mesma sala, explorou o território de Torre de Moncorvo “à exaustão”, refere o curador ao passar diante das nove fotografias de *Incisão* – dezenas de outras do mesmo projecto são exibidas sob forma de projecção. As imagens que o fotógrafo alentejano captou na vila transmontana “podiam ter sido feitas no Texas”, observa o director da bienal. “Há nelas uma estranheza, um lado barroco que é visível também na composição e na forma como ele usa a luz de *flash*. Há também teatralidade”, descreve. Brázio, diz, “cria uma espécie de fantasia, de imaginário, em torno das paisagens que fotografou” que resulta, quase sempre, “num universo visual invulgar e insólito”.

Em Méda, no distrito da Guarda, o australiano James Newitt desenvolveu o projecto *Material em Bruto*, que se debruça sobre a actividade mineira já extinta da região, explorando a relação passada, presente e futura da mina com a comunidade local. O projecto é apresentado em formato de instalação de vídeo.

Antes de rumarmos ao CPF, onde visitámos a exposição *Luminófilos*, Virgílio e Jayne explicam que todas as obras que integram as 16 exposições da bienal “foram desenvolvidas a partir de práticas colaborativas entre artistas, curadores, organizações e comunidades” nacionais e internacionais, característica que consideram basilar na identidade do projecto – mais, até, do que a presença de nomes sonantes do mundo da fotografia. “A prioridade é dada à qualidade dos projectos, ao seu conteúdo e inovação, e ao facto de podermos apoiar à criação de mais fotografia”, remata o director.

Veteranos e emergentes

Nas enxovias da antiga Cadeia da Relação, hoje CPF, estão em exibição, sob o formato de projecção de fotografia, vídeo e instalação, com a curadoria de Sergio Valenzuela-Escobedo, trabalhos de cinco artistas visuais – Claudia Andujar, Pariacaca, Hoda Afshar, Christo Geoghegan e SMITH – que exploram a ligação “entre o espiritual e o político” e que partilham histórias sobre colonialismo e resistência, preservação da história do oprimido ou derrotado, e rituais ancestrais que sobrevivem à passagem do tempo e ao apagamento forçado.

Aqui, o destaque vai para o projecto de Claudia Andujar, artista e activista que, ao longo de várias décadas, desde 1971, documentou o quotidiana,



Virgílio Ferreira e Jayne Dyer, os dois curadores da bienal

no, os rituais, o modo de vida e o universo simbólico da tribo Yanomani, no seio da floresta amazónica, em território brasileiro. “A tribo permitiu que registasse todos os aspectos das suas vidas”, explica Jayne Dyer.

“Nestas imagens há alegria, mas também algo de arrepiante”, refere. Sobretudo naquelas que estão “associadas ao xamanismo e aos rituais de passagem”, captadas com recurso a técnicas de longa exposição ou expo-

sição múltipla que conferem às fotografias uma estética onírica em tudo condicente com a dimensão espiritual que Claudia Andujar procurou descrever. “Há algo de incrivelmente subtil e imersivo no trabalho, algo de íntimo até”, observa a artista e curadora australiana. “Mas o que está por detrás das imagens é a ideia de prisão, de silenciamento de uma cultura, da sua destruição.”

Graças ao formato de projecção, há

perto de 300 fotografias de Claudia Andujar em exposição no CPF. “A intenção foi dar escala às imagens, dar-lhes ritmo, para criar novas relações com um arquivo vasto e muito rico”, refere Virgílio Ferreira, fitando as imagens que fluem em *Slideshow*. “A repetição de imagens em mais do que uma tela permite uma experiência visual mais reflexiva.”

Poucos metros e alguma chuva separam o CPF da Casa Comum, onde a exposição *Laços Que Unem (Ties That Bind)* reúne projectos desenvolvidos por sete fotógrafos emergentes de sete países diferentes ao abrigo da plataforma de fotografia europeia FUTURES. “Trata-se de talento que procura romper com as estruturas de valores normativos”, apresenta Jayne Dyer.

Para a curadora, o tema *Amanhã Hoje* é, no fundo, um “apelo à acção”. “Se tomarmos medidas agora, estaremos realmente a considerar onde estaremos no futuro, e não simplesmente a pensar que todos os problemas se irão resolver por si só. A bienal quer promover o pensamento, o debate e a acção artística sobre o clima, as economias de dívida, a identidade, o género, as migrações.”